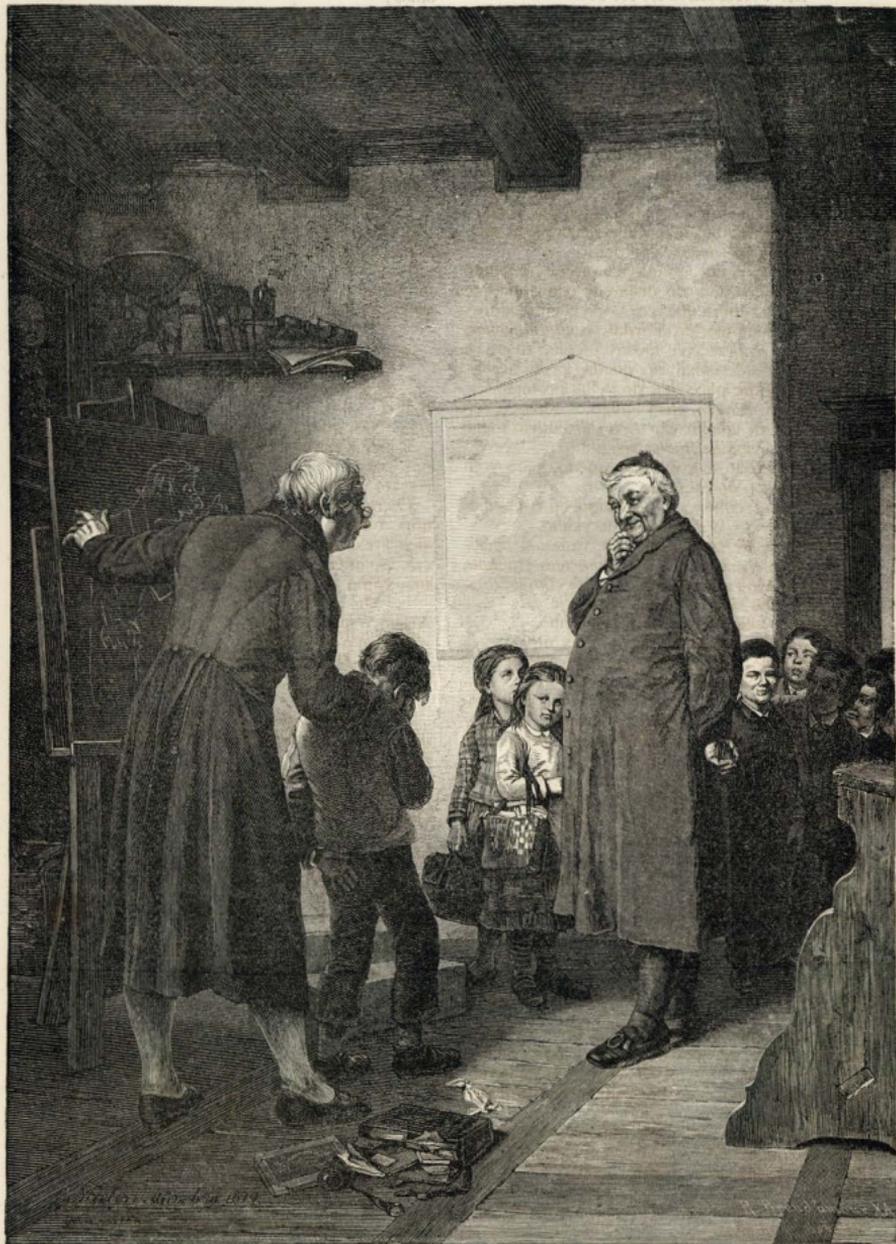


ENTÃO VIM TAMBÉM PARA O MUNDO DE CANTO

PARTE DA VIDA



ZÉ PARDAL PINTA-MONOS

ZÉ PARDAL PINTA-MONOS

— Ora veja o sr. reitor se eu não preciso ter a paciência d'um santo!

Isto dizia o velho mestre-escola ao bondoso prior da freguezia, que fôra visitar a aula para ensinar a doutrina e dar bons conselhos aos pequeninos estudantes.

— Este bregeiro — continuava o zangado professor, segurando o José Pardal pela gola da jaleca, e apontando para o quadro preto — em vez de me estudar as lições, anda-me a fazer bonecos por toda a parte! Mas deixa estar, meu pinta monos, que não as perdes!

O bondoso reitor escutava a queixa, perdido de riso, que tratava de disfarçar o melhor que podia. E não admira que risse o excellente padre: porque o demonio do Pardal, o *pinta monos*, como dizia o irascivel mestre-escola, tivera a habilidade de desenhar no quadro preto a caricatura, bastante parecida, do velho professor.

— Não se zangue, meu amigo, — dizia o reitor em tom de conciliação — o Pardal não torna mais. Não é assim, meu rapazinho? — accrescentou chegando se para o pequeno, para o livrar das mãos do mestre.

— E' sim, senhor... — murmurou o Pardal, muito choroso e muito cheio de ranho.

— Não se fie no que diz este vadio, sr. prior — acudiu o mestre-escola. — Não tem emenda, o maldito. Ainda se elle fizesse coisa com geito... mas não sabe se não pintar monos.

E de novo apontava para o desenho.

O bom do reitor, notando mais uma vez a semilhança do retrato, mal podia escutar a serio a observação do professor.

A verdade é que o *Zé Pardal* tinha uma tendencia extraordinaria para o desenho, era, por assim dizer, uma vocação irresistivel. Quem sabe se estaria alli um futuro artista?

Não é raro os grandes talentos soffrerem na infancia mil contrariedades. Em geral, não são comprehendidos; e por isso, em logar de os animarem, levantam lhe obstaculos, destruindo-lhe talvez um futuro de gloria.

O caso fôra assim: O velho professor tinha deixado a aula para ir merendar, recommendando aos seus discipulos que fossem estudando as lições, e que estivessem com juizo, senão queriam ver trabalhar a *menina de cinco olhos*.

Mas recommendar a um bando de rapazes que estejam quietos, é o mesmo que dizer aos passaros que não vôem.

Apenas sahio o professor, as bolas de papel ferviam d'um lado para o outro, acompanhadas de risinhos, de ditos, de chalaças. Os demonios dos rapazes não estavam quietos nem um momento.

— Vossês não estão quietos, o senhor mestre pôde ouvir a bulha, e vem por ahi distribuir palmatoadas de crear bicho — observou o José Pardal.

— A gente quer *reinar!* — disse um petiz dos seus sete annos.

— Então não tens mêdo da *menina de cinco olhos?*

— Lá isso tenho.

— E eu! — disseram diversas vozes.

— Pois se vossês promettem estar quietos — tornou o Pardal — eu vou fazer na pedra uns bonecos.

— Vae, vae, ó *Zé!*

O Pardal acercou-se do quadro preto e pegou no giz.

— Que ha de ser? — perguntou elle.

— Pinta lá um boi.

O Pardal desenhou um boi. Fizeram-lhe em seguida outros pedidos, e elle satisfiz a todos conforme pôde.

— O' *Zé*, uma coisa é que tu não és capaz de pintar — disse o Antonio Formiga, o mais velho da aula.

— O que é?

— A cara do senhor mestre.

— Isso é que tinha graça! — acudiu outro.

— Eu era, mas não quero — declarou o Pardal.

— Não queres, porque não és capaz.

E tanto espicaram o Pardal, que elle, ferido nos seus brios, tornou a pegar no giz, e fez o retrato do professor.

Os rapazes desataram ás gargalhadas, fazendo uma bulha de mil demonios. Ouvindo aquella algazarra, o mestre-escola veio logo ver o que era, apanhando-os a todos com a bocca na botija, como se costuma dizer.

— Ah! corja de tratantes! — gritou elle. — Assim é que estudam as lições!

Os rapazes ficaram todos como assombrados.

— Quem fez aquelle mono? — continuou furioso o professor, apontando para o seu retrato.

Moita, carasso!

— Havia de ser o Pardal! Pois espera, que eu te digo. Eu bem disse que trabalhava a palmatória!

N'este momento, porém, entrou o sr. reitor, um santo homem, que foi a Providencia do Pardal.

O bondoso padre, que morria pelas creanças, e ellas por elle, tratou de socegar o mestre-escola, pedindo-lhe que perdoasse por esta vez a brincadeira do Pardal, por alcunha o *pinta monos*.

MATTOS MOREIRA.



A LEBRE E A PERDIZ

(FABULA DE LAFONTAINE)

De sermos sempre felizes
Quem nos póde assegurar ?
Por isso dos desgraçados
Nunca devemos zombar.

A perdiz com a lebre n'um campo
Socegadas, viviam contentes;
Mas raivosa matilha chegando
Uma obriga a fugir-lhes aos dentes.

Pobre lebre! eil-a vai de corrida
Entre as moitas abrigo buscar;
E tão bem se escondeu lá na toca,
Que o mais fino a não soube encontrar.

Nem Joli, nem Leão, nem Janota
A ladina puderam colher;
Mas o mau foi ter ella suado
De estafada de tanto correr.

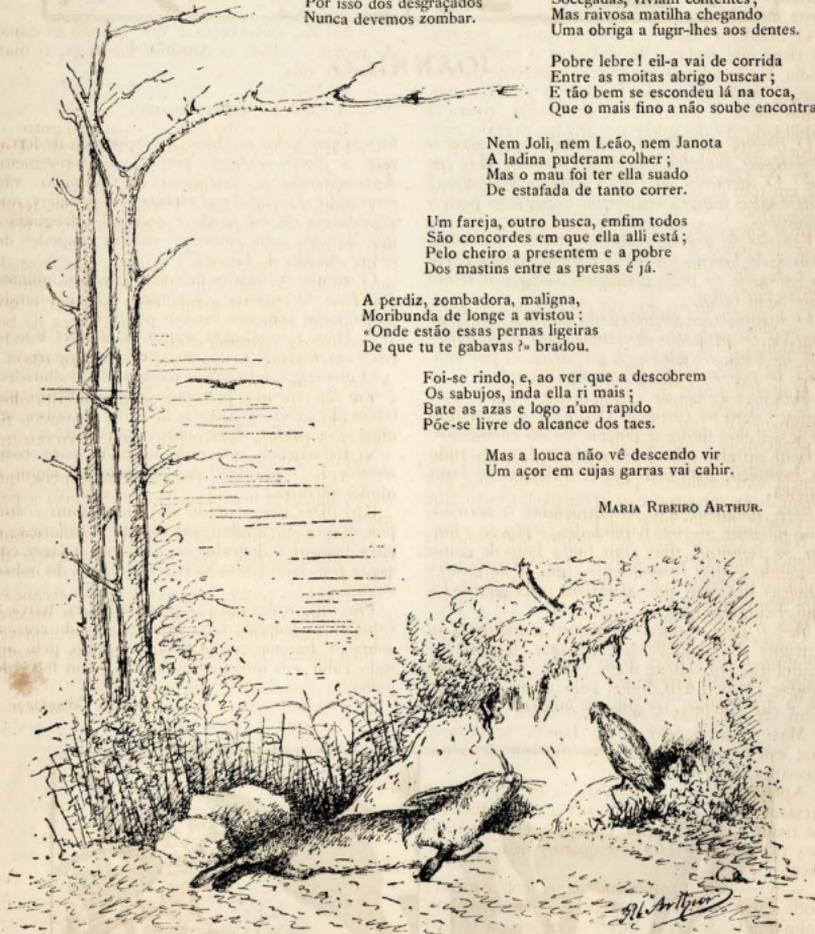
Um fareja, outro busca, emfim todos
São concordes em que ella alli está;
Pelo cheiro a presentem e a pobre
Dos mastins entre as presas é já.

A perdiz, zombadora, maligna,
Moribunda de longe a avistou:
«Onde estão essas pernas ligeiras
De que tu te gabavas?» bradou.

Foi-se rindo, e, ao ver que a descobrem
Os sabujos, inda ella ri mais;
Bate as azas e logo n'um rapido
Põe-se livre do alcance dos taes.

Mas a louca não vê descendo vir
Um açor em cujas garras vai cair.

MARIA RIBEIRO ARTHUR.





JOANNICO

(Continuação)

O mestre cosinheiro quiz ainda aproveitar o desastrado ajudante em algum serviço. Mas em quê? O demonio do rapaz era tão desgeitoso! Entretanto, sempre encontrou occupação para o Joannico.

Era dia de grande festa no castello. O nobre senhor de Gisors esperava para tomarem parte no banquete os mais distinctos fidalgos de trinta leguas em redor.

O Joannico foi encarregado da facil tarefa de guardar os preparos do jantar, isto é, de evitar que os cães, os gatos, os passaros, e, por ventura, os rapazes, comessem alguma coisa.

Mas ás cabeças de vento, aos estouvados, de pouco valem os castigos. Depressa se esquecem d'elles, e dos motivos porque foram castigados.

Bem simples e facil era o serviço committido ao Joannico, mas nem por isso deixou de fazer asneira.

Sem ninguem lhe encomendar o sermão, quiz mostrar as suas habilidades, e pôz-se a limpar as cenoiras, mas com tanta falta de geito, raspando-as tão brutalmente, que se as pobres cenoiras tivessem voz, gritariam ó da guarda! e aqui d'el-rei!...

Mas o peor é que, em quanto o Joannico se distrahia com aquelle serviço, que ninguem lhe incumbira, por detraz d'elle os cães iam fazendo bonitas coisas. Attrahidos pelo cheiro das carnes e dos molhos, os gulosos animaes andam a

farejar por todos os lados, na esperanza de ferrar o dente n'algum petisco. E conseguem. Aproveitando a distracção do Joannico, vão mettendo o focinho nos tachos, nas panelas, nos alguidares, de tal modo e com tal sofreguidão, que deixam sem jantar os nobres hospedes do nobre fidalgo de Gisors!

O mestre cosinheiro fica desesperado e afflicto; põe fóra da cosinha o Joannico, acompanhando as palavras com um furioso pontapé:

— Deus te confunda, rapaz do diabo! Vae-te para os infernos e não me tornes a apparecer!

O incorrigivel Joannico passou ás cavallariças, e sem ter emenda, pensando já na diabrura que havia de fazer ao cavallo favorito do nobre senhor do castello, dizia com os seus botões:

— Paciencia! não tinha nascido para cosinheiro. E' o mesmo! hei de sempre seguir a minha carreira!

Isto dizia elle sentado no fundo d'um cesto, por detraz do melhor cavallo da cavallariça; e para brincar e distrahir-se, começou a fazer cócegas com uma palha na barriga luzidia do nobre animal.

Por fim, o cavallo perde a paciencia, baixa a cabeça, e despe uma boa panelha de coices, sobre o Joannico, que é arremecado pelo ar, indo cahir em misero estado sobre um feixe de palha!

(Continúa).





AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESDEAUX

(Continuado do numero antecedente)

CAPITULO X.

O CORAÇÃO DE SUSANA

Seria de presumir que a historia da digestão e do sangue, que a Susaninha tão bem comprehendera, a deixasse convencida de tal modo que ella não se atrevesse nunca mais a comer guloseimas antes da hora do jantar. De facto, durante algum tempo, a pequenita almoçou e jantou muito razoavelmente; mas na tarde em que visitara as pastelarias, como presenciamos, não sentia nenhuma vontade de jantar, o que não deve admirar-nos.

Os bolos e as amendoas tinham-lhe tirado o appetite. Ao jantar, começou por deixar a sôpa; depois recusou as entradas, o peixe, os legumes, o assado.

— Que tens tu, Susana? — disse-lhe o avô. — Ia apostar que comeste alguma guloseima.

— De mais, de mais — corroborou em tom reprehensivo a senhora de Sannois.

— Perdôa, mamã, eu não torno mais — acudiu a Susaninha com meiguice. — É talvez por isso que me doe o coração.

— Sim?... — interveiu Paulo, olhando para a sua mananinha. — Então onde tem a menina o coração, diga lá?

— Aqui — respondeu naturalmente Susana, pondo a mão sobre o estomago.

— Muito folgo em saber que tens ahí o coração. É um caso extraordinario! — disse Paulo, rindo. — Se te perguntar pela ponta do teu narizinho, és capaz de apontar para a barba!

— Estás a mangar commigo! — redarguiu a pequenita, mostrando-se amuada.

— Pois de certo! Então uma menina do teu tamanho não sabe ainda onde tem o coração!... Acaso nunca o sentiste bater?

— Sim... eu bem o sinto, cá está elle a bater. Dizendo isto, a Susaninha levou a mão ao lado esquerdo do peito.

— Perfeitamente; — voltou Paulo — mas batendo elle n'esse sitio, como queres que esteja no lugar que indicaste ha pouco?

A pequenita, que reflectia sempre em todas as coisas que lhe diziam, respondeu passado um instante:

— E' verdade; mas então o que me doe é o estômago. Desejo, porém, que me digas para que serve o coração.

— Ah! para bem pouco: apenas para nos fazer viver — declarou Paulo em tom de graçejo.

— Então não é o sangue? Pelo menos, foi o que me disseste o outro dia.

— Certamente; até o comparei á argamassa, que serve para construir e reparar a casa, lembras-te? Mas imaginas que a argamassa vem pelo seu pé até á casa?

— Bem sei que não — acudiu Susana — é o pedreiro quem a traz.

— Pois então fica sabendo, minha tontinha, que o coração é o pedreiro que transporta o sangue para o nosso corpo.

— Julgava que tendo nós o sangue cá dentro, não era preciso transportal-o.

— Ah! pensavas que elle estava allí muito quieto, como está o vinho no teu copo? Pelo contrario, inteiramente o contrario: é tal a actividade do sangue, que percorre todo o nosso corpo em vinte e dois segundos.

— Oh! — exclamou Susana — explica-me como isso se faz.

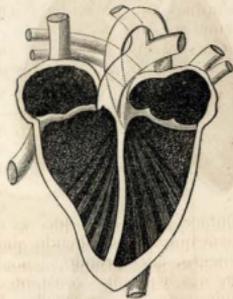
Paulo olhou para sua mãe e para o avô, e como elles lhe fizessem signal para continuar, afim de distrahir a pequenita da sua singular *dôr de coração*, proseguiu:

— Mais d'uma vez nos tens visto jogar as cartas, e por isso é de crer que conheças as copas.

— Conheço, sim.

— Pois bem, as copas têm quasi a fôrma do coração, com a differença que este é muito maior, e ôcco. Imagina tu uma especie de bola de borracha, dividida em quatro compartimentos: dois no rez-do-chão, e dois no primeiro andar.

O compartimento do rez-do-chão, situado á esquerda, está cheio de sangue. Contrahe-se, ou, por outra, encolhe-se, e expulsa o sangue para um comprido canudo, que se chama arteria, e que se divide logo n'uma immensidade de outros canudinhos quasi invisiveis, os quaes se mettem por todos



os nossos órgãos, por toda a nossa carne. Esta quantidade de canudinhos, ou pequeninas arterias, permite ao sangue o percorrer todos os escaninhos do nosso corpo. E' então que elle nutre todos esses escaninhos, que dá novas forças ao que estava cansado ou gasto, que tapa qualquer fenda que tenha apparecido, que restaura a parte que estava deteriorada, n'uma palavra...

— Concerta a casa! — atalhou a Susaninha, com ar satisfeito, por dar a conhecer que percebia a lição.

— Espera, ainda não é tudo — redarguiu Paulo. — Ao mesmo tempo que faz as reparações que apontei, o sangue encarra-se igualmente de levar consigo os velhos materiaes que já não servem para nada.

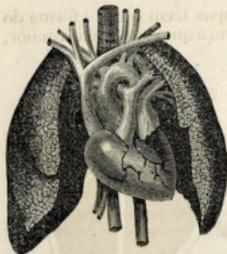
Esquecia-me dizer-te que o sangue está cheio de pequeninos glóbulos, similhantes a moedasinhas imperceptíveis; em cada gota de sangue, ha milhares e milhares dos taes glóbulos. São encarnados, e é d'elles que o sangue toma a côr. Ora, quando o sangue tem que fazer reparações, serve-se dos glóbulos, como o pedreiro se serve da cal e da areia. Deixa um aqui, outro acolá, e, por fim, tantos largou pelo caminho, que perde a côr vermelha, e toma uma côr escura, que é produzida pelos velhos materiaes que elle foi recolhendo. Chega, porém, um momento em que o pobre sangue está tão carregado, que não tem remedio senão aliviar-se.

— Que faz elle então? — perguntou a Susaninha, muito admirada.

— Ora o que faz! vae deitar a carga no fogo.

— Estás a mangar connigo?

— Não estou. Toma bem sentido. O tal sangue negro começa por se dirigir ao compartimento que está á direita, no primeiro andar; em seguida, abre uma porta e desce para o compartimento do rez-do-chão, do mesmo lado. Então este compartimento encolhe-se e impelle o sangue para um outro canudo, que o conduz aos pulmões.



— Pulmões?

— Sim; é o forno onde o sangue vae queimar os seus velhos materiaes.

— Então nós temos fogo cá dentro do corpo?... — exclamou a pequenita.

— Não te assustes, tontinha. Queima sem ter chama. Hei de explicar-te isto qualquer dia, quando me perguntares porque é que se respira. Por agora basta que fiques sabendo que o sangue, espesso e negro, encontrando-se nos pulmões com o ar que nós aspiramos constantemente, torna a ficar muito aguado e vermelho. Então apressa-se a subir ao compartimento do primeiro andar, á esquerda; chegando alli, abre outra porta e desce ao compartimento do rez-do-chão — o

mesmo d'onde o vimos partir — que de novo o envia a fazer o seu trabalho de reparação pelo nosso corpo.

— Meu Deus! — observou a Susaninha — o pobre sangue farta-se de abrir portas. De mais a mais, sem criado para o ajudar!

— De certo — respondeu Paulo, sorrindo. — Mas aquellas portas são muito bem feitas: basta empurrar-as, que ellas fecham-se logo por si.

— E tudo isso, graças ao coração — disse Susana, pondo a mãosinha sobre o peito.

— Que estás tu a fazer? — perguntou o sr. de Beaucourt.

— Estou a sentir bater o coração. Estas pancadas — perguntou a gentil creança hesitando um pouco — não são produzidas pelas contrações dos compartimentos?

— Muito bem! muito bem! — exclamaram ao mesmo tempo Paulo, o sr. de Beaucourt e a senhora de Sannois.

— Agora — acrescentou o avô, dirigindo-se ao engenheiro — termina a tua lição examinando se o sangue da menina Susana circula com regularidade.

— Como se pôde saber isso? — acudiu a pequenita, admirada.

Paulo pegou no pulso esquerdo de Susana, e encostou-lhe os dedos da mão direita, olhando ao mesmo tempo para o relógio, que segurava com a outra mão.

— É assim que faz o doutor — observou a Susaninha.

— É verdade; estou a tomar-te o pulso.

— Para saberes se o meu sangue circula bem?

— Sim.

— Mas como pôdes saber isso?

— Tu mesma disseste ha pouco que as pancadas do teu coração correspondiam ás suas contrações.

— Pois diria.

— De cada vez que o coração expelle uma porção de sangue, este sangue vae para os tubos, ou canudos, mais ou menos delgados, de que te fallei ainda agora. Ora, justamente no pulso, ha um tubosinho que se chama a arteria radial. Quando o sangue chega a esta arteria, os meus dedos, que estão carregando n'ella, sentem o choque do sangue, que quer passar por força.

— Quantas pulsações contaste? — perguntou o avô.

— Setenta.

— Ah! então está de perfeita saude a nossa Susanita — disse alegremente o sr. de Beaucourt.

— Porque? — perguntou logo a adoravel creança, que tudo queria saber.

— Porque está averiguado — respondeu Paulo — que esse numero de pulsações indica que o coração bate convenientemente. Quando o pulso bate muito fraco, é signal de anemia; quando bate muito forte, indica que ha febre.



É um excellento guia para os medicos — observou o sr. de Beaucourt.

— Bem, bem, agora já sei! — exclamou a Susanhinha, muito contente por ter percebido as explicações.

Adoravel creança!

(Continúa.)

GEOGRAPHIA

ITALIA

É da Italia, d'esse paiz que tantos encantos e attractivos offerce, que eu vos vou fallar. Os gregos designavam a Italia pelo nome de Hesperia. Como porém mais tarde igual nome se dêsse á Hespanha, por ser o paiz mais occidental da Europa, e por se denominar Hespero ou Venus o planeta que á hora poetica do crepusculo da tarde se deixa admirar no Occidente, foi a Italia denominada Hesperia Magna ou Primeira, e a Hespanha, Hesperia Ultima.

Numerosas e altas montanhas se encontram na Italia. As principaes são os Alpes e os Apenninos; aquelles estão entre a França, a Suissa, a Allemanha e a Italia, estes atravessam de noroeste a sueste o paiz de que me occupo. Entre os seus lagos citarei o Maggiore e o de Garde. Os rios mais notaveis são o Pó ao norte, e o Tibre, que banha Roma. A forma de governo é a monarchia representativa; a religião dominante é a catholica apostolica romana. A população é de cerca de 27.000.000 de habitantes. As cidades principaes são: *Roma*, a capital, notavel por seus numerosos monumentos, tanto antigos como modernos. E' alli que habita o papa, que occupa o vastissimo palacio do Vaticano, onde se encontram riquissimas galerias de quadros de notaveis auctores e estatuas dos esculptores mais insignes. A basilica de S. Pedro, pela sua extensão e magnificencia, attrahe igualmente as attenções de todos os viajantes. Além d'este grandioso templo, ha outros tambem admiraveis, como por exemplo, S. João de Latráo e Santa Maria Maior.

Genova, patria de Christovão Colombo, o descobridor da America.

Milão, a mais vasta cidade da Italia septentrional.

Napoles, a maior das cidades que se encontram no paiz de que vos estou descrevendo.

Veneza, denominada a rainha do Adriatico (mar que banha o Oriente da Italia.) E' cidade de aspecto verdadeiramente raro, original e pittoresco. Veneza é edificada sobre 80 ilhas, de fórma que as ruas são substituidas por canaes, e as carruagens por gondolas. Ha na Europa apenas uma outra cidade similhante a Veneza: é a capital da Suecia — Stokholmo.

A Italia pôde afirmar-se que é a patria das artes. Os pintores italianos mais notaveis são:

Rafael de Urbino, Pedro Perugino, Miguel Angelo Buonarroti, Ticiano, Corregio, Miguel Angelo Caravaggio e Guido Reni. Entre os mais insignes esculptores italianos, apontaremos: Donatello, Canova, Della Porta, Miguel Angelo Buonarroti, etc. Como *maestros* tornaram-se notaveis: Cimarosa, Donizetti, Bellini, Mercadante e, actualmente, Verdi. Termino este meu singular artigo por indicar os nomes dos tres mais distinctos poetas d'Italia: Petrarca, Dante e Torquato Tasso.

JOSÉ PESSANHA.

JOGOS DE PRENDAS

AS TRANSFORMAÇÕES

Os jogadores sentam-se em roda, e um d'elles, por eleição ou á sorte, toma o nome d'um objecto.

Supponhamos que um menino se transforma em pedra. Vae sentar-se no meio da roda e um dos jogadores dirige-se successivamente a cada um dos outros, fazendo-lhe as seguintes tres perguntas:

— *Se o menino... (diz o nome do paciente) fosse uma pedra, que faria d'elle?*

— *O que pensaria a seu respeito?*

— *O que desejaria ser?*

As perguntas são feitas em voz alta, mas as respostas dão-se em voz baixa. Cumpre que o interrogante seja dotado de boa memoria, para não se esquecer das respostas; entretanto, é-lhe permitido tomar apontamentos.

Colhidas todas as respostas, o interrogante repete-as á pessoa transformada, a qual deve nomear quem lhe parece como auctor da resposta... tal. Se adivinha, a pessoa designada paga uma prenda e vae para o logar d'elle; se não adivinha, dá uma prenda, e transforma-se n'outro objecto, recomeçando-se o jogo.

Vamos dar um exemplo: Respostas á 1.ª pergunta:

— *Faria uma estatua de Neptuno.*

— *... a lage d'um passeio.*

— *... um busto de Santo Antonio, etc.*

« Á 2.ª pergunta:

— *Pensaria que os pobresinhos nada perderiam com a transformação.*

— *... que o mundo ficaria livre d'um tagarella.*

— *... que Deus tudo faz pelo melhor, etc.*

« Á 3.ª pergunta:

— *Desejaria ser estatuário.*

— *Desejaria ser funda, para o arremear para bem longe.*

— *Desejaria ser dynamite, para o fazer ir pelos ares, etc.*

Como se vê, as transformações prestam-se immensamente bem a risota, porque dão ensejo a ditos engraçados, a epigrammas, desenvolvendo a agudeza de espirito dos jogadores.

A DANSA MAGICA

Vou ensinar-vos, meus juvenis leitores, um passa-tempo muito interessante, que em épocas remotas seria tido na conta de bruxaria. É um effeito da electricidade, essa força poderosissima, cuja causa é ainda desconhecida, apesar dos sábios lhe terem dado tantas e tão uteis applicações.

Talvez que os meus meninos já ouvissem dizer, pelo menos os mais crescidos, que certos objectos, aquecidos por meio de repetidas fricções, adquirem a propriedade de attrahir outros objectos; por exemplo: friccionando com um pedaço de lã um pouco de ambar, ou um pau de lacre, e ponde-lhes a pequena distancia bocadinhos de papel ou rama de pennas, estes fragmentos correm logo para o lacre ou para o ambar.

É do mesmo genero a *dansa magica* que vou ensinar-vos.

Os meus amiguinhos pegam em dois livros



grossos e põem-nos em cima da mesa, a pequena distancia um do outro. Depois, entalam uma chapa de vidro entre as folhas dos dois livros, conforme se vê na gravura, devendo ficar um intervalo de cinco a seis centimetros entre a meza e a chapa. Em seguida, recorem em papel

fino umas figurinhas quaesquer, bonecos ou animaes, e colloquem as por de baixo da chapa de vidro, tendo em attenção que as figurinhas devem ser um pouco menores que o intervalo de que fallamos acima.

Feito isto, friccionem circularmente com um lenço enrolado, ou melhor com um pedaço de lã, a parte superior do vidro, e ao passo que este

fôr aquecendo, hão de ver como as figurinhas comecam n'uma danza diabolica, aos saltos, ás cabriolas, n'uma doidade engracadissima!

Se quiserem terminar rapidamente a danza, basta tocarem no vidro com um dedo: as figurinhas cahem todas como mortas!

Que lhes parece?

SCENA CAMPESTRE

(IMITAÇÃO)

O pastor, nem de rastos, já podia
Levar a triste cabra que, distante,
Gritar ouvia do filho que, inconstante,
Desviar-se da mãe bem pretendia.

— «Grande parvo» — ao pastor alguém dizia
«O que vae atraz passa-o para diante,
Pega no filho ás costas. N'um instante
Verás contente a mãe seguir a cria.»

Pareceu-lhe o conselho natural,
O cabrito preendeu; foi-se a correr
Levando ao pé dos maís, o animal.

Seguiu ao filho a mãe sem se deter
E até, o espaço entre elles era tal,
Que ella os pés por detraz lhe ia a lambear.

Lisboa, 11—2—83.

NEMO & NINGUEM.



ALEGRIAS

— A minha filha bordou-me um tapete representando flores! mas são tão bem feitas, tão naturais, que ao aproximarmo-nos d'ellas parece que lhes sentimos o cheiro.

— E a minha bordou a cobertura d'uma poltrona, tendo ao centro uma grinalda de rosas; mas a imitação é tão perfeita que, quando me sentei na poltrona a primeira vez, pareceu-me que os espinhos das rosas me tinham picado!

Ora vejam que exageros produz o amor das mães!

O patrão mandou o criado levar uma carta ao correio, e deu-lhe o dinheiro para a estampilha.

— Então, metteste a carta na caixa? — perguntou-lhe quando voltou.

— Metti, sim, senhor, e *tamem* os 25 rês. Foi tudo muito direitinho.

— O papá, que nome se dá áquella vara com um rolo de panno na ponta, a que o pintor que fez as letras na parede encostava a mão?

— Boneca.

— Sem ter saias?!